



REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE “BOAS PRÁTICAS” EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marlon André da Silva¹

PALAVRAS-CHAVE: Boas práticas; Educação Física escolar; conceito de aula.

INTRODUÇÃO

As reflexões que constituem este escrito tiveram origem numa experiência de aprendizagem ocorrida por conta da participação do autor como palestrante numa mesa temática no VI Seminário de Pesquisa Qualitativa realizada na ESEF-UFRGS em novembro de 2012, e que trazia como proposta de reflexão “os desafios do estágio na formação inicial em Educação Física” (EF). Discorrer sobre o conceito de boas práticas em EF, assunto vinculado aos meus estudos de pós-graduação (FENSTERSEIFER, SILVA, 2011), foi o desafio proposto pela mesa.

Ressalto que essas reflexões constituíram experiência de aprendizagem, principalmente, devido aos questionamentos e debates que tiveram vez após a fala dos integrantes da mesa, e também, pela participação no terceiro momento do seminário, de estudantes em Educação Física da ESEF que relataram suas experiências com a realidade da escola enquanto alunos em situação de estágio supervisionado curricular.

Assim, o objetivo central deste escrito é a problematização do conceito de boas práticas em EF escolar a partir de questões como: Quem pode avaliar se determinada prática é boa ou não? Quais os critérios de identificação de boas práticas em EF escolar? Qual o papel da formação inicial em relação à construção de boas práticas em EF? O que cabe ao professor de EF em relação a essa temática?

JUSTIFICATIVA

Apesar de existir bons estudos que investigam a realização de boas práticas em EF escolar (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011; GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006; FARIA et al, 2010; PICH; ALVES, 2010) minha experiência como professor de “chão de escola” e também como pesquisador da temática¹, tem mostrado que são inúmeras as dúvidas referentes ao conceito, tanto quanto aos pressupostos de eleição dos critérios de identificação dessas práticas. Dessa forma, a oportunização de tempos e espaços para publicização e posterior discussão de reflexões referentes a temas que dizem respeito à problemática da prática pedagógica em Educação Física, com o intuito de produzir ou melhorar os conhecimentos que temos dela, é um bom exemplo de realização da meta da ciência.

¹ Várias perguntas relacionadas ao conceito de “boas” práticas em EF foram direcionadas a mim quando da participação numa mesa que tratava do assunto no VI Seminário de Pesquisa Qualitativa, realizado na ESEF/UFRGS em novembro de 2012. Da mesma forma, numa fala realizada por ocasião de aula inaugural no curso de licenciatura em Educação Física na Univates (Lajeado-RS) em março de 2013.

BASE TEÓRICA

Nos últimos anos, alguns pesquisadores têm chamado a atenção para a dificuldade de se materializar na intervenção, em especial em âmbito escolar, os avanços epistemológicos e teóricos alcançados na educação física brasileira (BRACHT, 2005; CAPARROZ; BRACHT, 2007; GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006). O enfrentamento desse desafio tem colocado questões importantes para os processos de formação (inicial e continuada). Por sua vez, os limites desse processo são reconhecidos nas diferentes posturas assumidas pelos professores no cotidiano das práticas pedagógicas.

Temos então, num extremo, a situação de desinvestimento pedagógico² e, noutro, a de realização de “boas” práticas pedagógicas, situações que têm motivado inúmeros estudos por parte de pesquisadores e críticos da área³. Mais especificamente, tais estudos ocupam-se em investigar e compreender os fatores implicados na constituição tanto de um como de outro fenômeno.

Em relação à consecução de boas práticas em EF escolar, a definição de critérios de identificação das mesmas não merece a mesma atenção nos estudos analisados quanto à investigação do professor que a realiza (sua trajetória profissional e pessoal, a formação inicial etc.) e quanto à cultura escolar.

De qualquer modo, em artigo cujo objetivo foi conhecer e analisar os elementos que, na ótica dos professores “inovadores”, foram importantes para a realização e sustentação de práticas “inovadoras” em EF escolar, Fensterseifer e Silva (2011) elegem algumas características que, segundo os autores, denunciam uma ruptura com a tradição de ensino na área. Ressaltam os autores,

Foram determinantes para esta escolha dos casos a presença de características que, dada a tradição da área, julgamos permitir a identificação de uma experiência “inovadora”, tais como: a) proposta pedagógica articulada com o currículo da escola; b) desenvolvimento de conteúdos de forma progressiva e com preocupação sistematizadora; c) envolvimento do conjunto dos(as) alunos(as) nas aulas; d) a presença de conteúdos variados representativos da diversidade que compõe a cultura corporal de movimento; e) processos de avaliação articulados com os objetivos do componente curricular. Enfim são características que podem não estar presentes em sua totalidade, mas denotam o movimento no sentido de evidenciar a ruptura com a noção de EF como “atividade” para a condição de “disciplina”. (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011, p. 121-122).

Da mesma forma, Faria et al (2010), em artigo pelo qual buscam compreender os processos que culminam em práticas inovadoras, relatam a partir de estudo de caso, que as mesmas se configuram como práticas que rompem significativamente com a perspectiva tradicional de ensino na área; que se aproximam com a concepção de aulas abertas à experiência; que possuem caráter problematizador; rompem com a ideia de que uma aula teórica na EF teria que ser desenvolvida em espaços como sala de aula; pode ser realizada

² Desinvestimento pedagógico ou abandono do trabalho docente são termos usados para referência àqueles professores que “abrem mão de seu compromisso ético, político, pedagógico-profissional de ensinar, porém continuam no emprego, imobilizados ou por falta de opção ou por certo conformismo vinculado a sua estratégia de sobrevivência no sistema” (Santini; Molina Neto, 2005, p.212).

³ Ressalto que a diferença entre os dois extremos pode se dar no mesmo professor, podendo ocorrer no espaço de meia hora, na troca de turma, de uma escola para outra; enfim, as variáveis envolvidas não são poucas.

organizando seus conteúdos por projetos temáticos e, não menos importante, apesar de romper com o modo tradicional de ensinar, não está vinculada a qualquer sentido “progressista” ou “crítico”.

CONCLUSÕES (REFLEXÕES)

É preciso esclarecer que práticas pedagógicas podem ocorrer em diferentes espaços, em diferentes instituições, com diferentes e diversos atores. Contudo, neste escrito e nos estudos mencionados, o interesse se dá pela prática pedagógica realizada durante a aula de Educação Física, pelo professor desse componente curricular. Aula aqui entendida como um fenômeno vivo, dotado de intencionalidade, em que as aprendizagens e/ou desenvolvimentos procurados são fundamentais para todos os alunos da turma; que acontece quando aquele desempenha seu papel no projeto que articula o trabalho no médio e longo prazo, que supõe, por parte do professor, um projeto de mediação do saber que se pretende que os alunos construam e/ou da capacidade que se pretende que os alunos desenvolvam (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006).

A aula como um fenômeno vivo pressupõe que esse momento se configure como repleto de situações inesperadas, capazes de surpreender o professor. Fato que não exige o professor de um planejamento prévio.

O professor intervém de forma objetivo-intencional, possibilitando aos alunos o acesso à aprendizagem de um conteúdo específico e/ou do desenvolvimento de uma determinada habilidade. Por essa linha de pensamento, não é possível considerar uma boa prática pedagógica se o espaço da aula for confundido com outros momentos nos quais os alunos simplesmente se divertem (recreio ou aula vaga), sem que haja qualquer diretividade do professor com intenções pedagógicas de aprendizagem.

Assim, penso que os referidos artigos investigados ressaltam o vínculo existente entre o fato de realizar “boa” prática em EF, ao fato de romper com o modo tradicional de ensino nessa área. Fato que vem ao encontro da ideia de que a área vive uma espécie de transição ao tocante a sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. (Org.). *Pesquisa em ação: educação física na escola*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação Física. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, v.28, n.2, p.21-37, jan.2007.
- FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaio sobre o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v.33, n.1, p.119-134, jan/mar. 2011.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. *Educação Física e cultura escolar: critérios para a identificação do abandono docente*. Congresso de Educación Física “Repensar la Educación Física”. IPEF. Córdoba, Septiembre 2006.
- PICH, S.; ALVES, I. Educação física e cultura escolar: entre práticas inovadoras e o abandono do trabalho docente – o caso da cidade de Itajaí. *Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*. Univali. Itajaí. Nov/2010.
- SANTINI, J; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Educação Física*. São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set.2005.

¹ Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí e Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela ESEF/UFRGS. Professor do Instituto Federal de Educação Rio Grande do Sul (IFRS) – campus Canoas/RS. E-mail: marlon.silva@canoas.ifrs.edu.br;